

Textos e versões

Sete crianças judias –
uma peça por Gaza

*Seven Jewish Children –
a play for Gaza*

Caryl Churchill (2009)

Fernando Villar (2010)
Tradução livre

Nota Introdutória

Caryl Churchill (Londres, 1938) é mundialmente reconhecida por uma dramaturgia vigorosa que desafia simultaneamente as linguagens escritas e performativas, artistas da cena, a crítica e o respeitável público. Suas criações contestam diferentes formas de abuso de poder e cada nova peça é uma nova provocação para a discussão de temáticas contemporâneas abafadas e manipuladas para continuidade do *status quo* que a autora consistente e abertamente questiona e ataca.

Sua primeira obra teatral é *Downstairs* (1958) e a peça *radiofônica* *You've No Need to be Frightened* (1959). Em 1979, após vários êxitos de pública e crítica no Reino Unido, *Cloud Nine* é o seu primeiro grande êxito internacional, com montagens em diferentes países, incluindo o Brasil, que em 1982 assiste *Numa Nice*, na tradução e direção de André Adler. Em dois atos, a peça contrapõe sexualidades diversas de uma família, serventes e agregados da elite inglesa que promove o bárbaro colonialismo vitoriano na África no século XIX e afunda na decadência do império britânico na segunda metade do século XX, cem anos depois – mas para as personagens, só se passaram 25 anos. E todas as personagens e alguns de seus gêneros são trocados entre o elenco no segundo ato. Segundo a professora e diretora Nitza Tenenblat em seu artigo não publicado, “Time Sculptures in Caryl Churchill’s Plays”, a dramaturga inglesa esculpe e “[...] desconstrói o tempo de maneiras fascinantes e não convencionais para amplificar a percepção de suas ideias pela plateia e/ou pelos leitores e leitoras” (2007, p.1).

Cloud Nine também foi montada na Universidade de Brasília em 2005 e 2019, com o título de *Nas Nuvens*, na encenação, direção e tradução do artista docente Fernando Villar. Ele agradece seu primeiro contato com a dramaturgia

singular de Churchill em 1981 à Lucia Sander, sua então professora na UnB e posteriormente parceira artística. A pesquisadora, dramaturga, atriz e diretora fluminense radicada em Brasília foi pioneira nos estudos e ensino de Churchill no Brasil, bem como percursora internacional das investigações da dramaturgia ímpar da estadunidense Susan Glaspell (Davenport, EUA, 1876), no âmbito de suas pesquisas, palestras performances, peças, traduções, encenações e atuações sobre mulheres, gêneros, feminismos e dramaturgias. Trilhas também vivenciadas e atravessadas por Caryl Churchill de forma única, cambiante e sempre transformadora no explorar limites da escrita para a cena.

Vinegar Tom (1976), *Top Girls* (1982), *A Number* (2002, *Um número*) e *Escaped Alone* (2016, *Chá e Catástrofe*) são algumas de suas obras traduzidas e encenadas no Brasil. Entretanto, a profícua carreira de Churchill desafia listas, taxonomias e/ou acompanhamento preciso de tantas criações, no teatro, rádio e televisão, além de uma incursão na ópera, escrevendo o libreto *A ring a lamp a thing* (2010) para ópera curta de Orlando Gough e, finalmente, no campo da tradução, de Sêneca (*Tiestes*, século 1 AEC) em 1994 e de August Strindberg (*Sonho*, 1901) em 2005. Mais recentemente, em 2019, foram estreadas simultaneamente, quatro obras inéditas suas: *Glass, Kill, Bluebeard's Friends e Imp*. Em outubro de 2021 inicia-se a primeira temporada em Londres de *What If It Only*, peça curta com a duração de 20 minutos, da incansável, octogenária e jovem artista.

Em janeiro de 2009, Churchill escreve e disponibiliza na *internet* uma outra obra curta, *7 crianças judias – Uma peça por Gaza*. Em 10 minutos, a dramaturga sintetiza 7 décadas do conflito israelense-palestino, em 7 cenas em que famílias lidam com a dificuldade de explicar a violência do nazismo, o holocausto, o novo estado de Israel, assentamentos, *apartheid*, guerras e barbárie a crianças, que não estão em cena. A criação é uma imediata resposta artística e crítica de Caryl Churchill aos trágicos eventos na faixa de Gaza nos últimos cinco dias de 2008, quando pereceram 13 israelenses, mais de mil civis palestinos (crianças e mulheres em sua maioria) e mais de cem mil palestinos e palestinianas ficaram sem casas.

As primeiras montagens de *7 crianças judias* no Brasil aconteceram em 2015, com discentes da Universidade de Brasília e da Universidade do Estado de Santa Catarina, em encenações da tradução de Villar, dirigidas respectivamente por ele e André Carreira, além de uma segunda encenação na UDESC, com tradução e direção do Prof. Stephan Baumgartel. Na década anterior, na mesma instituição catarinense, a Prof. Brígida Miranda dirigiu em 2007-2008, *Vinegar Tom* (1976), com estudantes do curso de Teatro.

Neste ano de 2024, uma nova montagem de Villar de *7 crianças* está sendo produzida na UnB para estreia em setembro no 75º Cometa Cenas, mostra semestral de trabalhos do Departamento de Artes Cênicas. Continuando a parceria com *Dramaturgias*, Villar nos traz agora sua tradução de *7 crianças judias*, realizada em 2010. Ela sucede outras traduções suas de Churchill, como *Coração Partido* (*Blue Heart*, 2007) e *Garotas de Ponta* (*Top Girls*, 1982), publicadas nas edições 22 e 23 de 2023, respectivamente.

Abstract

Caryl Churchill (London, 1938) is world-renowned for a vigorous dramaturgy that simultaneously challenges written and performative languages, artists, critics and the audience. Her creations challenge different forms of abuse of power and each new piece is a new provocation for the discussion of contemporary themes which are suppressed and manipulated to continue the *status quo* that she openly questions and attacks.

Her first theatrical work is *Downstairs* (1958) and the radio play *You've No Need to be Frightened* (1959). In 1979, after several public and critical successes in the United Kingdom, *Cloud Nine* was its first major international success, performed in different countries, including Brazil, which saw *Numa Nice* in 1982, translated and directed by André Adler. In two acts, the play contraposes different sexualities within a family, servants and associates of the English elite that promotes barbaric Victorian colonialism in Africa in the 19th century and sinks into the decline of the British empire in the second half of the 20th century, a hundred years later - but for the characters, only 25 years have passed. And all the characters and some of their genders are switched amongst the cast in the second act. According to professor and director Nitza Tenenblat in her unpublished article, "Time Sculptures in Caryl Churchill's Plays", the English playwright "[...] deconstructs time in fascinating and unconventional ways in order to enhance the audience's (and reader's) perception of her ideas" (2007, p.1).

Cloud Nine was also staged at the University of Brasília in 2005 and 2019, with the title *Nas Nuvens*, staged, directed and translated by professor and scenic artist Fernando Villar. He thanks his first contact with Churchill's unique dramaturgy in 1981 to Lucia Sander, his then professor at UnB and later artistic

partner. The researcher, playwright, actress and director from Rio de Janeiro based in Brasília was a pioneer in the studies and teaching of Churchill in Brazil, as well as an international precursor of investigations into the unique dramaturgy of the American Susan Glaspell (Davenport, USA, 1876), within the scope of Sander's researches, critiques in performances, plays, translations, stagings and plays about women, genders, feminisms and dramaturgy. Trails also experienced and crossed by Caryl Churchill in a unique, changing and always transformative way in exploring the limits of writing for the scene.

Vinegar Tom (1976), *Top Girls* (1982), *A Number* (2002) and *Escaped Alone* (2016) are some of Churchill's works translated and performed in Brazil. However, her fruitful career challenges lists, taxonomies and/or precise monitoring of so many creations, in theater, radio and television, in addition to a incursion into opera, writing the libretto *A ring a lamp a thing* (2010) for a short opera by Orlando Gough and, finally, in the field of translation, of Seneca (*Thyestes*, 1st century BCE) in 1994 and of August Strindberg (*A Dream's Play*, 1901) in 2005. More recently, in 2019, four of his new works were premiered simultaneously: *Glass, Kill, Bluebeard's Friends* and *Imp*. In October 2021, the first season in London of *What If It Only begins*, a short play lasting 20 minutes, by the tireless, octogenarian and young artist.

In January 2009, Churchill wrote and made another short work available on the internet, *7 Jewish Children – A play for Gaza*. In 10 minutes, the playwright summarizes 7 decades of the Israeli-Palestinian conflict, in 7 scenes in which families deal with the difficulty of explaining the violence of Nazism, the Holocaust, settlements, apartheid, wars and barbarity to children, who are not in the scene. The creation is an immediate artistic and critical response by Caryl Churchill to the tragic events in the Gaza Strip in the last five days of 2008, when 13 Israelis and more than one thousand of Palestinian civilians (mostly children and women) perished. More than one hundred thousands of Palestinians became homeless.

The first performances of *7 Jewish Children* in Brazil took place in 2015, with students from the University of Brasília and the State University of Santa Catarina (Udesc), in performances of Villar's translation, directed respectively by him and professor and director André Carreira. There was also a second production at Udesc, translated and directed by professor. Stephan Baumgartel. In the previous decade, professor and director Brígida Miranda directed *Vinegar Tom* in 2007-2008, at the same institution in Santa Catarina.

In this year of 2024, a new production of *7 Jewish Children* directed by Villar is being produced at UnB for its premiere in September, at the 75th *Cometa Cenas*, a semestral exhibition of scenic works by the Department of Performing Arts. Continuing the partnership with *Dramaturgias*, Villar now brings us his translation of *7 Jewish Children*, made in 2010. It follows his other translations of Churchill, such as *Coração Partido* (*Blue Heart*, 2007) and *Garotas de Ponta* (*Top Girls*, 1982), published in editions 22 and 23 (2023), respectively.

Sete crianças judias – uma peça por Gaza Seven Jewish Children – a play for Gaza

de Caryl Churchill (2009)

Tradução livre de Fernando Villar (2010)

Nenhuma criança aparece na peça. Os personagens são adultos, pais e, se você quiser, com outros parentescos com as crianças. As falas podem ser distribuídas de qualquer maneira que você gostar entre estes personagens. Os personagens são diferentes em cada cena, assim como o tempo e a criança.

1

Fala pra ela que é um jogo

Fala pra ela que é sério

Mas não assusta ela

Não fala pra ela que eles vão matá-la

Fala pra ela que é importante ficar quieta

Fala pra ela que se for boazinha ela vai ganhar bolo

Fala pra ela pra deitar de conchinha como se estivesse na cama

Mas pra não cantar.

Fala pra ela pra não sair

Fala pra ela não sair mesmo se ouvir gritos

Não assusta ela

Fala pra ela não sair mesmo se não ouvir nada por um tempão

Fala pra ela que a gente vai voltar e encontrá-la

Fala pra ela que nós estaremos aqui o tempo todo.

Fala pra ela alguma coisa sobre os homens

Fala pra ela que eles jogam sujo

Fala pra ela que é uma estória

Fala pra ela que eles irão embora

Fala pra ela que ela pode fazer eles irem embora se ficar quietinha

Por mágica

Mas pra não cantar.

2

Fala pra ela que esta é uma fotografia da avó dela, os tios dela e eu

Fala pra ela que os tios dela morreram

Não fala pra ela que foram assassinados

Fala pra ela que eles foram assassinados

Não assusta ela.

Fala pra ela que a avó dela era esperta

Não fala pra ela o que eles fizeram

Fala pra ela que minha irmã era valente

Fala pra ela que ela que me ensinou a fazer bolos

Não fala pra ela o que eles fizeram

Fala pra ela alguma coisa

Fala pra ela mais quando ela for mais velha

Fala pra ela que havia pessoas que odiavam judeus

Não fala pra ela

Fala pra ela que agora tudo acabou

Fala pra ela que ainda tem gente que odeia os judeus

Fala pra ela que tem gente que ama os judeus

Não fala pra ela pra pensar judeu ou não judeu

Fala pra ela mais quando ela for mais velha

Fala pra ela quantos quando ela for mais velha

Fala pra ela que isso aconteceu antes dela nascer e que ela não corre perigo

Não fala pra ela sobre risco de perigo nenhum.

Fala pra ela que nós a amamos

Fala pra ela que vivos ou mortos a nossa família a ama

Fala pra ela que a avó dela ficaria orgulhosa dela.

3

Não fala pra ela que a gente está indo embora pra sempre

Fala pra ela que ela pode escrever para os amigos dela, fala pra ela que talvez eles possam aparecer pra visita-la

Fala pra ela que tem muito sol lá

Fala pra ela que a gente está indo pra casa

Fala pra ela que é a terra que Deus deu pra gente

Não fala pra ela de religião

Fala pra ela que o tata tata tata tata um montão de tata o tataravô dela morou lá

Não fala pra ela que ele foi expulso

Fala pra ela, fala pra ela sim, fala pra ela que todo mundo foi expulso e o país está esperando que a gente volte pra casa

Não fala pra ela que ela não é daqui

Fala pra ela que claro que ela gosta daqui, mas vai gostar muito mais de lá.

Fala pra ela que é uma aventura

Fala pra ela que ninguém vai mexer com ela

Fala pra ela que ela vai arrumar novos amigos

Fala pra ela que pode levar os brinquedos dela

Não fala pra ela que pode levar todos os brinquedos

Fala pra ela que ela é uma menina especial

Fala pra ela de Jerusalém.

4

Não fala pra ela quem são eles

Fala pra ela alguma coisa

Fala pra ela que eles são beduínos, que viajam por aí

Fala pra ela sobre os camelos no deserto e sobre a história

Fala pra ela que eles vivem em tendas

Fala pra ela que aqui não era o lar deles

Não fala pra ela lar, lar não, fala pra ela que eles estão indo embora

Não fala pra ela que eles não gostam dela

Fala pra ela tomar cuidado.

Não fala pra ela quem vivia nesta casa antes

Não, mas não fala pra ela que o trisavô dela vivia aqui antes

Não, mas não fala pra ela que os árabes dormiam no quarto dela antes.

Fala pra ela não ser mal-educada com eles

Fala pra ela não ficar com medo

Não fala pra ela que ela não pode brincar com as crianças

Não fala pra ela que pode trazer pra casa.

Fala pra ela que eles têm muitos amigos e família

Fala pra ela que eles têm quilômetros e quilômetros de terras que é deles mesmo pra tudo que é lado

Fala pra ela de novo que esta é a nossa terra prometida.

Não fala pra ela que eles disseram que era uma terra sem gente

Não fala pra ela que eu não teria vindo se eu soubesse.

Fala pra ela que talvez a gente possa dividir.

Não fala pra ela isso.

5

Fala pra ela que nós vencemos

Fala pra ela que o irmão dela é um herói

Fala pra ela como os exércitos deles são enormes

Fala pra ela que nós botamos eles pra correr

Fala pra ela que nós somos lutadores

Fala pra ela que nós temos novas terras.

6

Não fala pra ela

Não fala pra ela do problema na piscina

Fala pra ela que a água é nossa, o direito é nosso

Fala pra ela que não é água pros campos deles

Não fala pra ela nada da água.

Não fala pra ela do trator

Não fala pra ela não olhar pro trator

Não fala pra ela que o trator estava derrubando a casa

Fala pra ela que vão construir um edifício novo

Não fala pra ela nada dos tratores.

Não fala pra ela das filas de revista nas fronteiras

Fala pra ela que a gente vai chegar lá rapidinho

Não fala pra ela nada que ela não pergunte

Não fala pra ela que o menino foi baleado

Não fala nada pra ela.

Fala pra ela que nós estamos criando novas fazendas no deserto

Não fala pra ela das plantações de oliveiras

Fala pra ela que nós estamos construindo novas cidades no meio do nada.

Não fala pra ela que eles jogam pedras

Fala pra ela que as pedras não adiantam muito contra os tanques

Não fala pra ela isso.

Não fala pra ela que eles detonam bombas nos cafés

Fala pra ela, fala pra ela que eles detonam bombas nos cafés

Fala pra ela tomar cuidado

Não assustem ela.

Fala pra ela que a gente precisa do muro pra segurança da gente

Fala pra ela que eles querem empurrar a gente pro mar

Fala pra ela que eles não

Fala pra ela que eles querem empurrar a gente pro mar.

Fala pra ela que nós matamos muito mais que eles

Não fala pra ela isso

Fala pra ela isso sim

Fala pra ela que nós somos mais fortes

Fala pra ela que nós somos os escolhidos

Fala pra ela que eles não entendem nada a não ser violência

Fala pra ela que nós queremos paz

Fala pra ela que a gente vai nadar.

7

Fala pra ela que ela não pode assistir o jornal

Fala pra ela que ela pode assistir os desenhos

Fala pra ela que ela pode ficar acordada até tarde e assistir Friends

Fala pra ela que eles estão atacando com foguetes

Não assustem ela

Fala pra ela que só uns poucos dos nossos foram mortos

Fala pra ela que o exército veio pra nos defender

Não fala pra ela que o primo dela se recusou a se alistar no exército.

Não fala pra ela quantos deles foram mortos

Fala pra ela que os lutadores do Hamas foram mortos

Fala pra ela que eles são terroristas

Fala pra ela que eles são asquerosos

Não

Não fala pra ela sobre a família das meninas mortas

Fala pra ela que não se pode acreditar em tudo que se vê na televisão

Fala pra ela que a gente matou os bebês por engano

Não fala pra ela nada do exército

Fala pra ela, fala pra ela do exército, fala pra ela ficar orgulhosa do exército. Fala pra ela sobre a família das meninas mortas, fala pra ela os nomes delas, por que não, fala pra ela, o mundo inteiro sabe, por que ela não deveria saber? Fala pra ela que houve bebês mortos, ela viu os bebês? Fala pra ela que não é nada pra se envergonhar. Fala pra ela que eles que fizeram isso pra eles mesmos. Fala pra ela que eles querem as crianças deles assassinadas pra fazer o povo ficar com pena deles, fala pra ela que eu não tenho pena deles, fala pra ela não ficar com pena deles, fala pra ela que somos nós é que merecemos pena, fala pra ela que eles não sabem o que é sofrimento como nós sabemos. Fala pra ela que nós é que mandamos agora, fala pra ela que se eles

querem guerra eles vão ver, fala pra ela que não vamos parar de matar até estarmos seguros, fala pra ela que eu ri quando eu vi o policial morto, fala pra ela que eles estão vivendo nos escombros agora igual animais, fala pra ela que eu não me importaria que eles fossem apagados da face da terra, o único porém é que o mundo odiaria a gente, fala pra ela que eu não me importo se o mundo odeia a gente, fala pra ela que nós odiamos melhor ainda, fala pra ela que nós somos os escolhidos, fala pra ela que eu olho pra uma das crianças deles toda ensanguentada e o quê que eu sinto? Fala pra ela que tudo que eu sinto é alegria que não seja ela.

Não fala isso pra ela.

Fala pra ela que a gente a ama.

Não assusta ela.

Fim.

© Caryl Churchill Ltd, 2009

Sinta-se livre para baixar a peça. Esta peça pode ser lida ou performada em qualquer lugar por qualquer número de pessoas. Caso queira pedir os direitos, por favor contate Luke Holbrook, luke@casarotto.co.uk, que irá licenciar as apresentações sem cobrar nada, desde que a entrada seja gratuita e que ocorra uma coleta depois de cada performance para o Auxílio Médico para Palestinos (MAP, Medical Aid for Palestinians), 33a Islington Park Street, Londres N1 1 QB, Reino Unido. Tel: 020-7226 4114. Website: map-uk.org. E-mail: info@map-uk.org

Cópias impressas podem ser obtidas com Nick Hern Books, 14 Larden Road, Londres W3 7ST, Reino Unido. E-mail: info@nickhernbooks.demon.co.uk

O texto deve ser apresentado como foi escrito. Nenhuma mudança de nenhum tipo pode ser feita no título ou no texto da peça.